Zona Rural de Carlos Henrique Iotti.

Maria Ângela Della Bella

RESENHA de: IOTTI, Carlos Henrique. *Zona rural.* Porto Alegre: L&PM, 2002. 184 p.

Nesta divertida e inteligente coletânea de tiras, o autor faz uma caricatura bem-humorada e estilizada de situações nada convencionais de uma família ítalo-brasileira estabelecida no interior do Rio Grande do Sul, que incorpora costumes deixados pelos imigrantes italianos radicados nesta região, bem como elementos da cultura local, principalmente no que toca ao uso da língua a qual não pode ser classificada nem como português nem italiano. É um verdadeiro *portuliano*, se pudermos assim chamar.

Radicci, o pai, é um típico machão, preguiçoso, mulherengo, beberrão, avesso às normas de higiene e de boas maneiras, aquele que poderia ser chamado de politicamente incorreto. Gosta mesmo é de beber, principalmente vinho, caçar, pescar e fazer pose de valentão, mas, na verdade, é um obediente servo de sua esposa, *G/Z/enoveva*, a quem ora tenta seduzir, ora ignora completamente.

Zenoveva (é assim que pronunciam seu nome), esta sim é quem manda na casa, a quem todos obedecem, aquela que dá a última palavra. Vive em turras com o marido, obrigando-o a se comportar civilizadamente, a assumir as responsabilidades

no sustento da casa e da família e, obviamente, a ajudá-la em alguns serviços domésticos, o que o deixa furioso. Por outro lado, é super-protetora do filho adolescente, causando nele até um certo desconforto e embaraço diante dos outros. De vez em quando incorpora um espírito libertador e feminista, tomando atitudes radicais, mas acaba sempre retomando a sua função primordial: a *mamma*, a patroa, a figura central e autoritária do lar.

Mino (Guilhermino) é o único filho do casal, jovem pseudocontestador, extremamente mimado pela mãe, ao contrário do pai que o trata com muito rigor. Procura comportar-se totalmente ao contrário do pai, a quem chama de tirano fascista. Tenta, em vão, proteger os animais do alvo da espingarda de seu genitor e tem alguns hobbies como, por exemplo, a yoga, a meditação, a alimentação vegetariana, a música e, como não podia faltar, uma queda incontrolável pela "cannabis sativa" Na verdade, embora Mino tente afirmar-se como homem, não consegue deixar de ser um menino grande que só cresceu em tamanho, mas ainda vive dependendo da proteção materna para tudo. É o único na família que não incorpora em sua fala o dialeto peculiar e fossilizado dos demais integrantes de sua família.

Por fim temos o *"Nôno"*, uma figura *sui generis*, que a cada momento nos surpreende com suas atitudes, as mais absurdas possíveis para alguém de sua idade. Dentre esses absurdos temos sua viagem de motocicleta até o deserto de Atacama e o gosto pela banda de rock *Kiss*, a qual ele diz ser de seu tempo. Participou da Segunda Grande Guerra, porém não se recorda se foi ao lado do Eixo ou dos Aliados.

Em diferentes situações satíricas recheadas de muito sarcasmo e ironia, as tiras nos remetem às cenas do cotidiano de uma família que mistura a cultura herdada de seus ancestrais, no caso italianos, a um modo muito particular de ser gaúcho e viver no interior do Rio Grande do Sul. Nesta fusão cultural acrescentam-se elementos que ora tendem ao moderno, ora ao tradicional, ora à tecnologia, ora à rusticidade do homem do campo. Toda esta variedade acaba finalmente influenciando a língua falada por esses personagens que culmina numa variação do português local, mesclado ao italiano dos imigrantes ali radicados.

Na verdade, podemos chamar esta língua falada de um *vero* e puro *portuliano* inclassificável, uma verdadeira *interlíngua, fossilizada* e inteligível somente àqueles que conhecem um pouco dos dois idiomas, pois não segue as regras gramaticais de nenhum deles, começando pelo próprio nome do personagem central *Radicci*, e não *Radici* ou *Radice* como deveria ser.

No que se refere ao português utilizado, trata-se de uma variante bastante popular, em total desobediência às regras gramaticais. Não há preocupação com a correção semântica, a concordância verbal ou com escolha das palavras dentro de um padrão formal, pois o principal objetivo é mostrar exatamente esta variedade lingüística popularizada e utilizada pelos habitantes da região. Em geral, as palavras utilizadas nos diálogos fazem uso de expressões vulgares e regionais, não há marcação da desinência /s/ indicativa de plural nem do /r/ do infinitivo no final dos verbos, além dos italianismos que se fazem constantes na fala dos personagens, exceto na de Mino.

Exemplificando, temos:

- Empréstimos de palavras do idioma italiano como: *naso, mamma, questo, oggi, altra, vino, io, tu, tutto, bagno, ragazza, ristorante, etc.*
- Português-brasileiro falado e escrito de acordo com a sonoridade da língua italiana: *tá pingando grassa no chón/ pón/ non vai lavorá oggi/ sonhei que tava lavorando/ fogón / arrea / gurri / carra / experrimenta/ lipoaspiraçón/ atençón/ zente/ Zenovev / zoelho / zanela / move-te / ma vá, etc.*
- Uso de expressões e ditos populares vulgares tanto do português-brasileiro como do italiano: *porco zio/ tô cagando e andando/ peido/ bunda/ bosta/ pistolin/ porca véia/ vai cagá no mato/ tromba del cullo, sanità del corpo/, etc.*
- Infrações à norma culta do português-brasileiro: *vômo caçá/ vô comê as rolha/ tô/ os cachorro/ os carnê/ esquecemo/ muié/, etc.*
- Regionalismos: *Bah!/ Tri-legal/ Guri/ Bão/ Cuca/ Tchuco/ Barbaridade!, etc.*

Além dessas questões lingüísticas mencionadas, não podemos deixar de perceber também um declarado bairrismo, típico de todo bom e verdadeiro gaúcho quando

dedica um capítulo inteiro, denominado *Made in R.S*, a alguns municípios do interior do Rio Grande do Sul. Quando o assunto é futebol surgem os nomes de Falcão e Felipão e quando é música temos *Vitor Ramil, Comunidade, Taranatiriça, Engenheiros, Nenhum de nós*, todos do Rio Grande do Sul.

A seguir, finalizando esta leitura, transcrevo alguns exemplos significativos de alguns trechos escolhidos de diálogos, que, além de mostrar o bom humor contido em suas páginas, exemplificam muito bem a questão lingüística e cultural já destacada neste trabalho:

Zenoveva: Tu é un dojón!
Radicci: Io?
Zenoveva: Sì, zá foi bonito, cobiçado, potente... oggi só bebe!

Radicci: Vou doar até o pistolin!
Zenoveva: Pobre do receptor!

Radicci: Questa sopa levanta até defunto.
Zenoveva: Entón deissa caí no colo.

A família na praia e os comentários de Radicci:
- 10! (olhando uma beldade passando)
– 666! (olhando para Zenoveva)

Slogan de Campanha que Mino faz para o pai:
" Vote no Radicci, candidato natural. Bebe, arrota e peida, um verdadeiro animal. É forte e valente mas em casa quem manda é a muié. Não adianta se fazer de galo quando se é um garnizé!"